

A VIDA LITTERARIA

Versos de um simples

Ha um anno seguramente que, divorciado da litteratura, por motivos independentes de minha vontade, não leio obras de gosto, nem escrevo sobre assumptos de minha predilecção.

Invadido por occupações de outra ordem, posso dizer que estou quasi *in albis* no que toca a augmento das letras durante todo este periodo. Apenas, pelos jornaes, tive conhecimento de que os symbolistas ou decadentes tinham conquistado Portugal. Veio-me esta nefasta noticia pelo Sr. Fialho de Almeida, que se encarregou de dizer ao Brazil (terra de botocud s) a sua descoberta relativa aos *nepheleibatos*, como se tres annos antes um litterato tupinambá não houvesse analysado as principaes manifestações do decadismo, então completamente ignorado naquella patria (tenho duvidas) de Camões. (*)

Acordou-se, porém, dessa lethargia o bellissimo livro de Guimarães Passos, que com effeito é o que se pôde chamar um manjar de delicados.

Um padre que por ali anda mettido a critico de pintura transoceanica, disse, fallando do poeta, que lamentava não tivesse este, uma vez por outra, surtos de sublime, sahindo da *nimiedade* do seu estro, como o fazem, por exemplo, Catulle Mendès e outros versejadores francezes, sem perda das proprias qualidades.

Ora, aquillo que o padre censura, por indisculpavel malvadeza, é justamente o que no livro mais me encanta. Haveria cousa mais insupportavel do que vêr se um poeta, por charlatanismo, tentar sahir da esphera do seu talento?

Imagine-se um beija-flór, a quem aconselhassem que, em vez de garrular, mostrando ao sol as suas côres iriantes, buscasse imitar a magestade de aguia ou a enormidade do elephante.

(*) Alludo aos artigos que publiquei no *Noridades* acerca do *Atheneu* de Raul Pompeia, nos quaes me entretive largamente com obras de Verlaine, Mallarmé, René Ghil, Moréas e outros decadistas.

Pois bem, é isto que o illustre sacerdote, cujo confessorio será bom que os novos poetas evitem; é este máo conselho que o critico desapparelhado lembra-se de impingir ao joven Guimarães Passos.

Muito mais acertado do que o seu estudo sobre os versos de um simples foi um sonho, ou antes uma visão, que me assaltou depois de lido o livro formosissimo.

Supponha a pessoa que está percorrendo estas luhas que os sonetos de Guimarães Passos me captivário por tal modo que, degustado os primeiros versos, não pude mais largar o volume, e que eu, aliás pouco amigo desse genero, fui, apesar disso, folheando, folheando, até chegar quasi ao fim da 1ª parte. Supponha ainda que me entregando a esse agradável passatempo, experimentei um prazer identico ao que experimentaria **atravessando um jardim arcadico, em flôr, onde a vista se repasta em carramañcheis de jasmineiros, em estatuas de Venus languidas e trepidos Faunos e Cupidos, e o olfato, avido, se inebria em hufadas de perfumes acres e caprinos.**

Pois bem, foi exactamente **que me succedeu, e, anestesiado, encostei a cabeça ao traveseiro e sonhei voejando nas azas do rythmo, voluptuoso, transcorrente daquellas paginas amenas.**

Não se tinha, entretanto, desvanecido de meu espirito a impressão deixada pelas quadras *« Um dia, n'um alfarabio »*, e o amor do louco, de que tratão esses versos, a uma estatua, os beijos fervidos dados na mulher de pedra pelo misero amante alli decantado, esbaterão-se de subito no soneto *« Nel mezzo del camin... »*

« ... De mansinho

Pé aqui, pé alli, seguindo vamos,

Que importa o mundo, se nos adoramos,

Se o odio humano não vale um teu carinho?

Mais nos unimos quanto mais andamos,

E tudo o que tu pensas adivinho,

Allumião os teus olhos o caminho

E mais seguimos e nos estreitamos. »

Confesso que neste ponto veio-me o deliquio. Sem o querer fiz-me deliquescer.

Então o senho tomou corpo e senti-me transportado á idade média. De frente de mim perdia-se o vulto mysterioso de uma cathedral gothica. O orgão estrugia acompanhando os canticos sagrados. Povo, incenso e recolhimento. Penetrei no templo. Os canticos continuavão a ondular no espaço e o terror de Deus porejava das ogivas e dos altares. Atravessei a multidão, escondi-me em um confessionario, depois sahi: havia uma porta que gyrava sobre os gonzos, esgurei-me por ella em sobresalto e achei-me sem companhia na solidão de um vasto claustro, de cujos azulejos rebentavão milagres pavorosos, christos sambudos, frades sacrilegos e dragões de todo genero.

Em cima coava-se a claridade tenue através de um desses maravilhosos *vitrails*, que dão ninda hoje sandades dos bispos cota d'armas. O *vitrail* representava um pagem menestrel ajoelhado aos pés de uma santa rainha com os olhos tumidos da lagrima amorosa. Fixei a soidosa figura de mancebo e estremei sorpreso.

Movia-se, voltava os olhos para o meu lado; logo erguia-se e, destacando-se do quadro, descia distrahido até a mim. Esbelto, de longa e negra cabelleira, moreno, um sorriso terno no semblante, cheio de aspirações suaves, vagas, infinitas... ao longe, bem ao longe... bem na fimbria do horizonte, elle fitou-me, por sua vez, e julgou-me um conhecido.

Fallei-lhe, mas o moço silenciou; poz os dedos sobre os labios e fez signal para segui-lo.

Por alguns minutos o éco dos claustros repetio o ruido dos nossos passos. Afinal encontramos uma porta e achamo-nos ao ar livre. Luz por toda a parte e uma paisagem sorridente das costas do Mediterraneo.

Embalde busquei o templo. Estavamos no vestibulo de uma villa em ruinas, uma villa italiana.

Como o mancebo notasse a minha inquietação, com o dedo ainda indicou-me um novello de fumaça que no horizonte annunciava a aproximação de um steamer americano. A velocidade com que a embarcação se aproximou de nós fez-me crer na existencia de algum propulsor novo engendrado pelos engenheiros yankees. Dir-se-hia que o steamer crescia como um balão de borracha soprado, ou como um trem de ferro focado a toda força. **A pupilla do olho quasi não tinha tempo de acompanhar a deslocação das linhas do objectivo.**

A villa estava assente em um pequeno promontorio. Em baixo um pequeno porto, casas, chalets, trapiches, golêtas fundeadas, um ligeiro movimento commercial que perturbava ligeiramente a tranquillidade daquella *marinha*.

Ancorara o steamer.

Descemos. Foi preciso contornar a extremidade do promontorio, onde havia uma pequena aldeia de pescadores.

Só então pude reparar que o pagem gentil que me servia de cicerone perdêra as vestes antigas e pittorescas e se apresentava com um traje semelhante ao dos innocentes habitantes da enseada.

Sorrindo com intelligencia disse-me elle, n'uma phrase quasi rythmada, que alli, naquelle golpho, não havia muito tempo um poeta francez adorara uma menina chamada Graziella e por ella enlouquecêra. Redobrou-se a minha curiosidade.

O ar cada vez mais se carregava de intensa claridade, um perfume de trevos, unido á salugem do mar, entumescia-me os pulmões e augmentava o calor nas arterias que batião.

Das ruinas levantou-se uma sombra negra que, passando por sobre nossas cabeças, veio pousar em um *sycomoro*, poucos passos adiante; grasnava e, illusão ou prevenção, acreditei ouvir distinctamente as palavras *mares e larves*. Seria aguia ou um morcego colossal?

Approximamo-nos. Zombavão de mim. A sombra ou a ave colossal tinha figura semi-humana; havião-lhe posto sobre a crista um desses beirões negros com que se apresenta em scena o Don Basilio de Rossini.

Seguimos e deixamos em paz a importuna alimaria, que, sempre grasnando, foi pousar em uma das vergas do steamer.

Araripe Junior.

CHRONICA LITTERARIA

Versos de um simplex

(Conclusão)

A barca dos tres suicidas seguiu o mesmo caminho da primeira.

Logo atraz surgia um pequeno yacht, cujo leme era manejado por um portuense alentado, de peito amplo e physionomia mephistophelica. O gesto largo e arrogante dizia logo que alli estava o Adamastor da litteratura portugueza.

— *Eu sou aquelle occulto e grande!*... vociferou elle, mas não terminou a sonhada phrase, porque os do sequito protestarão contra a pretensão em uma algaravia rouca. Uns clamavão que o autor das *Farpas* quando muito seria o Éspartel da graçola ribeirina; outros gritavão que não podia chamar-se cabo Tormentorio das letras modernas quem deixára passar, apesar de seus coleras, toda a caterva do povo coimbrão.

Aquelles protestos, porém, fizeram-no sorrir. Espuma vil d' oTejo, os que se irritavão contra o maniaco imitador das maneiras britannicas, tiverão de soffrer a impressão do seu olhar picarescamente altivo como o latego de um senhor.

— Borra de vinho, murmurei ao ouvido do commandante, é o que elle tem nos olhos. Quanto á disciplina cerebral do escriptor que alli védes, posso garantir que é perfeitamente comparavel á gordura dos cevados. Conheci-o no *Em Paris*, um bom *vivant*; agora vejo-o a ler Spencer e a educar as gerações que surgem; mas, coitado! em todos os tratados de pedago-

gia, só houve um capitulo que por elle foi comprehendido, o que se occupa do banho, das escovas de dentes, das perfumarias, das malas de viagem, da boa mesa, do uso do binoculo, do modo de ler o Baedeker, de embromar a conversação e o folhetim, finalmente, dos inventarios de bibelots e da ennumeração de queijos, carnes frias, arenques, e outros generos de charcuteria.

O commandante Jackson arregalou os olhos bastante admirado.

— Nos Estados-Unidos, reflectio elle, existem, dado o desconto da raça e do meio, uns typos que se assemelhão a este portuense desbragado; mas por lá os individuos desta especie seguem uma profissão perfeitamente adequada ao seu character; — de ordinario são cabalistas de eleições. Pulso vigoroso, presença arrojada, imaginação para cartazes e annuncios estapafurdios, estes sujeitos constituem a alma dos movimentos de propaganda e dos *meetings* ruidosos. Nunca, porém, encontrei-os entregues á mania de educar a mocidade.

Pois, meu amigo, em Portugal os toureiros vivem muito honradamente de ensinar rhetorica e de philosophar sobre historia.

O portuense, como percebesse a nossa critica, reproduzio a phrase acintosissima:

— *Eu sou aquelle occulto e grande cabo!*

Largou depois o leme e armou-se de longo varapão.

— Não passarão! não passarão! Não me cederão! Aqui, onde me vêem, hão de todos espichar a ossada. Hei de esmaga-los, um por um, a cacete. Eu sou o forte, sou o musculoso, sou o bruto; a litteratura será forte, será musculosa, será bruta. Mostra-me o teu muque e eu direi se tens talento!...

E sumio-se no torvelinho de outras lanchas repletas de rapazes que assoviavão e ganião, soprando gaitas de varios feitios.

Houve então uma debandada geral e os vultos se confundirão na escuridão que já ameaçava o Tejo. A nossa curiosidade apenas pôde ser satisfeita por uma canoa desgarrada em que fugia á confusão o avelludado autor dos *Mais*.

A canôa approximou-se do steamer; o illustre prosador não vinha só: acompanhava-o o profugo menestrel, meu dulcíssimo cicerone.

Foi arriada a escada e o rapaz cahio-me nos braços offegante, quasi desvairado.

— Fugamos, disse-me elle soluçando. Lisboa, este carnaval, este mixto de civilisação e de chocarrice lorpa, estragaria os nervos de um Poliphemo, se Poliphemos existissem. Eu mesmo já perdi a força do encantamento. Estou á mercê do acaso.

Por fim quem tinha razão? O genio de Camões e o do seculo XIX desconjuntavão toda aquella gente.

Propunhão os portuguezes ao mundo uma festa internacional e essa festa, apesar de todos os admniculas da arte franceza, e da imaginação peregrina dos italianos, irrompia na bacchanal africana e no eterno zé-pereira do ibero toseco e pornographico.

— Fugamos, bradei tambem indignado; fugamos antes que os Eusebios Macarios, as Julianas, os Padres Amaros e os fadistas do Chiado nos invadão a alma.

O newyorkino já tinha antecipado os nossos votos.

O vapor movia-se e dali a instantes resvalava foz em fóra como a flecha desferida pelo selvagem americano.

A briza corria fagueira, emquanto a lua suspendia-se no horizonte. Encostados á amurada vimos a terra novamente desaparecer e, livres do grande pesadêlo, começámos a suspirar os melhores cantos do *Child Harold*, do immenso Byron.

Adormecêmos ao sussurro das ondas, embaçadas no agradável movimento de *fangage* do steamer.

O commandante Jackson era talvez uma fada que fazia-nos atravessar o oceano em dous minutos e proporcionava-nos os espectaculos mais extraordinarios.

Quando despertámos tínhamos retrotrabido algumas horas; marchando para o occidente, anticipavamos o sol. O navio coitava o azul, balouçando-se nas alturas; um poder occulto suspendêra a embarcação, que se projectava agora na direcção do novo continente.

Inclinei-me sobre a borda e contemplei o mar que resolvia-se a quatro ou cinco mil metros abaixo de nós. A linha das costas do Brazil surgia dentre as brumas e pouco e pouco foi-se accentuando o perfil de uma enseada.

Com incrível velocidade o navio aereo approximava-se da terra.

— O Guanabara! exclamei n'uma alegria intensa.

A machina accelerou o movimento e a helice, imprimindo no ar vibrações electricas, produziu um ruido semelhante ao uivo de um animal feroz.

O impulso que recebeu a embarcação fez-nos em um segundo entestar com o pincaro do Corcovado.

Chegavamos alli á mesma hora em que antes tínhamos penetrado no Tejo.

A festa do centenario que os fluminenses offerecião no mundo, em honra de Camões, se desenrolava no meio das galas da natureza tropical da enseada de Botafogo, igual a um quadro incendiado pelcs fulgores do pincel de Ruysdael.

— Basta de viagens extraordinarias, pondei no newyorkino. Commandante, mande encostar o steamer á plataforma e deixe-me partir.

O navio operou uma manobra de recuo, e, docil ao leme, lançou os croks sobre a muralha do pico.

Despedi-me, enternecido, do americano, que lamentava a interrupção de uma viagem tão bem inspirada e começada.

— Seja, porém, como fór, accrescentou elle, desde que lhe venha o capricho de continuar este passeio, é só telegraphar para Brooklyn, XV, street, 15, Cap. W. Jackson.

Saltamos eu e o menestrel para a muralha do Corcovado e a machina maravilhosa, em rúo vertiginoso, desapareceu em pouco no azul do infinito.

O meu companheiro não hesitou. Lançando os olhos lacrimosos para a cidade, reproduziu as exclamações classicas do officio de poeta.

O seu lyrismo meigo e doce, de tropical ainda não pervertido, manifestava-se sinceramente diante da fulgida natureza que nos cercava.

Já não era mais o pagem meoieval, que alli, de pé, com o olhar rutilante, embebido todo no azul profundo das montanhas, agitava a alma em busca das madonas gothicas. O languido pescador de Ischia tambem voára para as regiões hypotheticas do *dolce farniente* dos lakistas.

O camoneano entusiasta, o adorador das Natercias e o socio dos lristas a Petrarcha, por fim, transformava-se no **brazileiro agreste dos versos de um simples, cujo estro não necessitava de outro añador além dos affectos naturaes de sua terra e dos olhos catitas de uma patricia.**

Estavamos felizmente em nossa casa.

O poeta propóz-me a descida.

Áquella hora douravão-se as serranias. Os raios do sol poente rasgavão o azul dos bosques estriando-o de laivos esguineos e alaranjados.

Em baixo, na enseada fidalga, entre a rocha acroceraunea do Pão de Assucar, a escarpa da Gavea, e os outeiros circumjacentes, uma multidão ruidosa acclamava os heroes do dia.

Terminavão as regatas. Fervilhava a colméa humana na praia, nas casarias, nos bonds, ao longo do cães circumflexo, nas barcas, nas lanchas e nas canôas.

— Uma festa de formigas! exclamou o poeta notando a exquisitez daquella miniatura, grandiosa para os que a contemplavão de perto, mas verdadeiramente insignificante para nós que a viamos, de mergulho, n'uma perspectiva de aguias, emmoldurada n'uma paisagem de Cyclopes.

Dirigimo-nos para a ladeira ingreme que inter no hotel das Paineiras.

Ao transpormos o primeiro lanço surpreendeu-nos uma placa escura que se avolumava no espaço, approximando-se rapidamente de nós. Era o vespertilio, que, naturalmente tendo se escapado da gaiola de bordo, vinha ainda obsedar-nos com o seu aspecto agoureiro e sinistro.

Desta vez, porém, os seus dias forão contados, porquanto insistindo em macular a paisagem com sua presença funebre, obrigou-nos a tomar uma resolução definitiva.

A idéa do crime assaltou-nos a ambos.

—Acabemos com este resto de litteratura funeraria; morcego nunca foi critico.

E alli, com uma crueldade fria, sem testemunhas, armando-nos de uns galhos seccos acaso esquecidos á margem da ladeira, liquidámos a existencia da mais audaz de quantas alimarias mythologicas têm surgido no céo diaphano das lettras patrias.

— *Obiit diem supremum!* murmurou o autor dos *Versos de um simples*, num repto de alegria quasi infantil.

Por este modo a esthetica exotica, que o monstro vertia sobre a terra, estancou em sua fonte, aniquilada por dous ingenuos e á força de cacete.

Mas a nossa perversidade não parou ali. Espetámos a victima na ponta de um páo; descemos sem maior incidente até o bairro das Laranjeiras; e ao passarmos pela matriz da Gloria, envolvidos pela grande massa de povo que affluia e refluia a Botafogo, crucificámos o cadaver do singular morcego n'uma das columnas do vestibulo do templo.

Assim na idade média costumavão os aldeões supersticiosos punir as corujas que se arrojavão a agoura-los com os seus pios de rasga-mortalha.

Devão oito horas da noite quando chegámos ao ponto da rua Gonçalves Dias; e, como se todo aquelle evoluir fantastico não passasse de uma conversa entre dous calices de vermouth, vi o poeta afastar-se de mim e entrar no Paschoal, erecto, risonho, de charuto no queixo, esquecido inteiramente das troveccias que fizera.

Não o amaldiçoei, mas...

Despertei do deliquio em que a dyspepsia me prostrára.

O livro de versos tinha escorregado dos dedos e jazia no tapete aberto á pagina 119.

Reli-a. A poesia ali se inscreve sob o titulo de *Vita Nuova*.

O poeta termina a primeira parte de sua obra entoando um canto anaetico, um canto de victorioso; e a estrella por quem estava enamorado, humanisa-se e desce até o seu coração. Termina a luta do amor e elle exclama:

« O' futura companheira!
Vês? meu peito sangra ainda,
Mas pela vez derradeira.

Em breve a orchestra dos beijos
Sepulta os males passados...
Terminão velhos desejos
Começão novos cuidados.»

Meditei então sobre o livro e buscando co-ordenar as suggestões do sonho incompleto, que sahindo dos ideaes da idade média viera terminar desconnexadamente na cartola e no charuto da rua do Ouvidor perguntei a mim mesmo se não haveria neste sonho uma util indicação.

A resposta fez-se extensamente affirmativa.

Foi entre parnasianos que a musa de Guimarães Passos se fortaleceu e vicejou.

O parnasianismo, cumpre dizê-lo, nunca foi a própria poesia, mas sim uma disciplina. Os poetas allí entrãõ e sahirãõ, trazendo da escola o vinco da mestrança. Não ha, porém, critico bastante subtil que possa descobrir onde sossobrou a alma do verdadeiro poeta do Parnaso.

Impassíveis! Estaticos diante da fórma! Farkirados na expectativa da suprema perfeição! dizem elles. Mas, ou eu me engano, ou em tudo isto vai uma enorme preocupação de esoterismo. E como não se pôde zombar impunemente das leis da natureza, o que tem succedido sempre é que o parnasiano, apenas de posse do instrumento de expressão, se tem talento, rompe a disciplina, a serenidade grega, phenomeno da arte antiga aliás mal definido, mal comprehendido, e explode em brados cavernosos, como nos *Poemas barbaros* de Le Comte de l'Isle, ou nas crispações tetanicas do amor carnal, como em o nosso Olavo Bilac.

Acto contra a natureza, reputei sempre essa pretensão de separar a fórma do real.

Guimarães Passos, é bem visível, nunca se lembrou de cogitar em semelhantes castrações artisticas. Atravessou como pôde essa nebulosa, e seguiu serenamente o seu caminho. A sua alma era uma alma de menestrel. Pouco importava que não o acalentasse o amor de uma castellã; as tendencias para as affeições stelares, os amores de grilos por constellações são de todas as épocas; elle, portanto, amou e poetou como lhe permittirão as cordas do seu temperamento.

Menestrel nasceu, menestrel ficou. Não deu talvez para chorar como Casimiro de Abreu, porque tinha no sangue a nota alegre e a época não lhe fornecia o *folard* em que enxugaria as lagrimas. Fez, comtudo, cousa equivalente: discorreu, de vagarinho, sobre os seus amores, expondo á luz do sol profano as palpações do seu venturoso coração; embarcou-se na mesma pouca vergonha em que se embarcãõ Petrarca, Disceu e tantos outros poetas que têm procurado interessar a humanidade em suas paixões.

Como era natural, repellindo a diffusão da fórma romantica condemnada pelas ultimas escolas litterarias, o autor dos *Erros* de um simples buscou na lilição dos classicos, as formas que mais se condemnãõ com o seu genio.

Desde logo era inevitavel que assumisse o geito do soneto e do lyrico de Camões.

Nestas condições, todavia, o modelo é igual á carta de aprender nomes. Apenas sabe ler, cada um lê com a intonação que lhe é propria.

O camoneanismo de Guimarães Passos, pois, não tem grande alcance de escola; nem desfiou-o, como tem succedido a muitos poetas archaicos, nem roubou-lhe o perfume e as irregularidades de tropical.

O uso daquelle bastardinho corrigio-lhe a letra, mas em todo o caso deixou-lhe ficar o travo de lyrico brasileiro.

Já tive occasião de notar que a primeira parte do seu livro termina em um canto de victoria. Até chegar a esse canto é evidente que o poeta não se preocupou senão com a sua visão angelica, com a sua conquista, com o seu amor.

Conseguida essa victoria, porém, vemo-lo dissolver as suas legiões e diffundir-se pelo mundo á cata de impressões diversas. Seja como fôr essas dispersões poeticas esbarrão por fim n'uma revelação, — na poesia que se intitula *Primavera morta*.

E' a ult^{ma} do livro ; mas tambem attesta uma verdade, — que não ha muito que confiar na candura do lyrismo brasileiro.

Todos somos muito castos, muito bem intencionados. amamos com muita delicadeza ; todavia é preciso não deixar a redea solta, porque, quando menos se espera, a pata avelludada do felino desenvolve a garra, o ingenuo amante fere, blasphema, morde e ameaça como Olavo Bilac estrangular o proprio amor.

Guimarães Passos paga o tributo á sua natureza.

Lecião-se estes versos :

« Os braços ergue—e sob a avilla assoma
Um leve pello transparente e logo
Arfam tremulas uma e outra poma,
Como se houvesse dentro dellas fogo

«Do ventre fulgarava a suave face,
Face de eburnea, esphera, e nua inteira,
E' possivel que nada lhe faltasse...
—Mas faltava-lhe a folha de parreira.

«E como uma serpente, em alvorço,
De um salto sobre o amante, voluptuosa,
Cabe a princeza, cinge-lhe o pescoço
E aperta-o n'uma convulsão nervosa.

«Aperta-o, beija-o, chora os dentes, louca...
Elle immovel e mudo, no entretanto,
Se palavras não tem a sua boca
Fallão seus olhos humidos de pranto.

«Nada percebe a dama e no delirio
As vestes ao mancebo dilacera
Descobrio a nudez todo o martyrio:
Das roupas um canucho apparecera.»

Depois disto só o diluvio.
Dezembro, 1391.

Araripe Junior.